

ROTEIRO DE VISITA

museuafrobrasil
EMANOEL ARAUJO

ANIMAIS NAS MÁSCARAS AFRICANAS



PROPOSTA DE MEDIAÇÃO

Animais nas Máscaras Africanas

PÚBLICO-ALVO

Educação Infantil e
Ensino Fundamental I (4 a 6 anos)

LOCAL

Exposição de Longa Duração África:
Diversidade e Permanência

Museu Afro Brasil Emanuel Araújo

DURAÇÃO

45 minutos a 1 hora

APRESENTAÇÃO

Esta proposta de mediação orienta o trabalho do professor a partir do tema da representação de animais nas máscaras africanas presentes na coleção africana do Museu Afro Brasil Emanuel Araújo, enfatizando os potenciais educativos, sensoriais e simbólicos dessas obras. A abordagem fundamenta-se no entendimento de que, em diversos contextos africanos, as máscaras não são concebidas como objetos decorativos, mas como obras dotadas de significados sociais, espirituais e pedagógicos, indissociáveis de rituais, performances e de processos estruturados de transmissão de conhecimentos.

Gabrielle Nascimento

Núcleo de Pesquisa do Museu Afro Brasil Emanuel Araújo



OBJETIVO GERAL

Apresentar às crianças a diversidade das máscaras africanas que incorporam representações de animais, evidenciando seus significados e sua relevância cultural em distintos contextos socioculturais do continente africano.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Introduzir o conceito de “máscara africana”, abordando seus usos performáticos em diferentes contextos culturais.
- Comparar características formais de máscaras associadas a diferentes povos africanos, considerando formas, materiais e soluções plásticas.
- Estimular a observação sensorial das obras, com atenção às formas, aos materiais e às texturas.
- Compreender a relação entre máscara, corpo e movimento no contexto das performances cerimoniais.
- Explorar a expressão corporal por meio de atividades de dramatização inspiradas nos animais representados nas máscaras.



A MÁSCARA COMO CORPO EM AÇÃO

Em diversos contextos africanos, a máscara não se limita ao elemento esculpido que cobre a cabeça ou o rosto, mas constitui um complexo performático que integra o corpo inteiro do dançarino. Trajes confeccionados com fibras, tecidos ou peles, bem como adereços e, em alguns casos, objetos utilizados durante a performance, integram de forma indissociável a configuração da máscara. É no movimento, articulado à música, ao canto e ao ritmo, que esse conjunto adquire sentido pleno. Nesse contexto, a máscara deve ser compreendida como um corpo em ação, capaz de transformar o dançarino e de tornar perceptível a presença simbólica do animal ou da entidade evocada.

DESENVOLVIMENTO DA VISITA

O trabalho pode começar com a apresentação de um conjunto de máscaras do acervo do museu que representem animais, destacando a diversidade de formas, materiais e soluções visuais criadas por diferentes povos africanos. O educador pode estimular a observação atenta, convidando as crianças a identificar os animais representados, as formas mais marcantes e os detalhes esculpidos nessas peças.

A partir dessa observação inicial, propõe-se uma discussão sobre os significados simbólicos atribuídos aos animais nas máscaras africanas. Espécies como antílopes, aves, felinos, peixes e répteis podem estar associadas a atributos como força, agilidade, proteção, fertilidade e a capacidade de transitar entre diferentes mundos. Cada povo estabelece relações únicas com essas espécies, o que se reflete nas formas, materiais e modos de utilização das máscaras.

Sugere-se a análise comparativa de pelo menos três máscaras de povos distintos, atentando-se a elementos como cores, volumes, padrões gráficos e materiais utilizados. É fundamental incentivar as crianças a descreverem não apenas o que percebem visualmente, mas também o que imaginam e sentem ao observar os objetos, ampliando a interpretação sensorial e simbólica das peças.

OBJETO, MOVIMENTO E PERFORMANCE

Para aprofundar a compreensão da relação entre máscara e performance, recomenda-se a utilização de vídeos que apresentem dançarinos em atuação com máscaras que incorporam representações de animais. A observação dos gestos, das posturas corporais e dos ritmos evidencia que a máscara adquire sentido pleno no contexto da ação performática. Em seguida, o educador pode propor uma breve experimentação corporal, convidando as crianças a explorar, de forma lúdica, movimentos inspirados nos animais observados, como caminhar, saltar, inclinar-se, girar ou deslocar-se em consonância com o ritmo sugerido.



ATIVIDADE PRÁTICA

Caça ao Tesouro no Museu

Como atividade prática, propõe-se uma dinâmica de exploração orientada no espaço expositivo, concebida nos moldes de uma caça ao tesouro. As crianças são convidadas a localizar máscaras que apresentem representações de animais, atentando para semelhanças e diferenças formais entre as peças observadas. Durante a atividade, podem registrar, de forma mental ou por meio de desenhos, os animais identificados e os movimentos que imaginam associados a cada um. Ao final, o grupo reúne-se para compartilhar as observações e realizar uma dramatização coletiva dos animais encontrados, reforçando os processos de aprendizagem por meio do corpo, da imaginação e da experiência sensorial.

Materiais sugeridos (opcional)

- Papel A4 ou papel Kraft
- Lápis de cor, giz de cera ou canetinhas
- Tecidos, fibras vegetais ou tiras de papel
- Instrumentos sonoros simples (chocalhos, tambores pequenos ou palmas)

Encerramento

No encerramento da visita, o educador retoma os principais aspectos abordados ao longo da mediação, ressaltando que as máscaras africanas não se limitam a objetos de contemplação, mas constituem formas de conhecimento que articulam arte, corpo, movimento, música e memória coletiva.

Avaliação

A avaliação é realizada de modo processual, a partir da observação da participação das crianças nas conversas, nas atividades propostas e nas dramatizações. Consideram-se, nesse processo, o grau de envolvimento, a curiosidade, a capacidade de observação e a compreensão dos significados associados às representações animais nas máscaras africanas.

MATERIAL DE APOIO

Na arte Bamana, povo localizado sobretudo no atual Mali, as formas animais não se configuram como representações naturalistas, mas como construções simbólicas nas quais atributos de diferentes espécies são articulados em composições híbridas capazes de condensar significados complexos. Os toucados Tchiwara exemplificam esse princípio ao reunir características do antílope, associado à agilidade, à fertilidade e ao domínio do movimento, e de animais vinculados ao contato direto com a terra e ao trabalho agrícola, como o tamanduá, evocando a escavação e o preparo do solo.

Essa síntese formal remete ao ser mítico Tchiwara, concebido como uma entidade associada à origem dos conhecimentos fundamentais da agricultura, transmitidos aos Bamana. Os chifres do antílope, relacionados ao crescimento, à vitalidade e à energia solar, assumem distintas soluções formais, como linhas pontiagudas ou em zigue-zague, orientadas na vertical ou na horizontal.

Durante as festividades agrícolas, os toucados Tchiwara são utilizados em danças executadas exclusivamente por homens, geralmente em pares, representando os princípios masculinos e



Máscara Tchiwara

Autoria não identificada, Mali, Povo Bamana, data não identificada

Dimensões 26,3 x 56,2 x 8,5 cm

Créditos de imagem: Márcia Gabriel

Fonte: Acervo Museu Afro Brasil Emanuel Araujo

femininos. Essa encenação expressa a interdependência entre esses polos e a cooperação considerada essencial entre homens e mulheres no preparo, no cuidado e na colheita dos campos, conforme as normas coletivas.

As cerimônias ocorrem em momentos decisivos do calendário agrícola, do período que antecede a estação das chuvas até a colheita, e estão associadas a trabalhos comunitários acompanhados por tambores e por cantos entoados por mulheres, fundamentais para a sustentação ritual da performance.

Os dançarinos vestem trajes de fibras longas que ocultam completamente o corpo, acentuando o caráter não humano da figura em movimento. Com o corpo inclinado para a frente e o uso de varas que aludem às patas do animal, a coreografia dramatiza simultaneamente os gestos do cultivo da terra e os deslocamentos do antílope, expressando o desejo coletivo por fertilidade, eficiência no trabalho agrícola e colheitas abundantes.



Máscara Tchiwara
Autoria não identificada, Mali, Povo Bamana,
data não identificada
Dimensões 97 X 31 X 8 cm
Créditos de imagem: Henrique Luz

Fonte: Acervo Museu Afro Brasil Emanuel Araujo

OBSERVE COM ATENÇÃO

Olhe com cuidado para a máscara.

Que formas você consegue identificar?

Há linhas retas, curvas ou pontiagudas?

Que animal ou animais essa máscara lembra?

Esse animal parece rápido, forte, tranquilo ou assustador?

O que no formato da máscara faz você pensar nisso?

Vamos nos movimentar?

Agora imagine que você está usando essa máscara.

Como o seu corpo inteiro se moveria se você fosse esse animal?

Observe como braços, pernas, costas e cabeça podem participar da dança.

Experimente se mover lentamente,

rapidamente, inclinado para frente ou

para os lados, como se estivesse em uma apresentação.



Fotógrafo François-Edmond Fortier (1905-1906)



Você sabia?

Na arte africana, os animais aparecem com frequência porque ajudam a expressar ideias importantes para diferentes povos. Eles não são escolhidos ao acaso. Animais como antílopes, serpentes, leopardos, crocodilos, búfalos e elefantes podem representar força, fertilidade, proteção, coragem ou liderança. Por isso, as máscaras não tentam copiar exatamente a aparência dos animais, mas usam formas estilizadas para mostrar suas qualidades e comportamentos.

RECURSO AUDIOVISUAL SUGERIDO

Bamana (Tchiwara):

[https://youtu.be/bt3Mkzv2Ot0?si=_sJiukVDIQxU4EBw].

Cerimônia de dança Tchiwara:

[<https://youtu.be/6LYIdhPbWBw?si=TDOQaHP5WL2QkBDa>].



Máscara Kanaga
Autoria não identificada,
Mali, povo Dogon,
data não identificada
Dimensões 81 x 59 x 18,7 cm
Créditos de imagem: Márcia Gabriel

Fonte: Acervo Museu Afro Brasil Emanuel Araujo



Tradicionalmente, as máscaras Kanaga, associadas ao povo Dogon, no atual território da República do Mali, são utilizadas no âmbito da associação *Awa*, formada por iniciados responsáveis pela condução de ritos públicos relacionados à morte e à memória coletiva. No contexto das cerimônias funerárias conhecidas como *dama*, essas performances visam assegurar a passagem do espírito do falecido ao mundo dos ancestrais e marcar o encerramento do luto por meio da dança, da música e da participação da comunidade.

A Kanaga distingue-se por sua superestrutura composta por uma dupla barra

horizontal, frequentemente descrita como cruciforme, cuja interpretação varia de acordo com o repertório local e com o grau de iniciação dos participantes. Em algumas leituras, essa forma é associada a um pássaro mítico vinculado ao *kommolo tebu*, sendo as cores branca e preta relacionadas a atributos simbólicos desse ser. Em outras interpretações, a estrutura da máscara é compreendida como uma referência as dimensões celestes e terrestres do universo Dogon.

Durante as cerimônias *dama*, os mascarados executam coreografias vigorosas, marcadas por giros amplos do tronco, balanços intensos da máscara, corridas, saltos e movimentos de inclinação que fazem a superestrutura tocar o chão. Essa alternância rítmica entre elevação e contato com a terra evidencia destreza física e controle técnico, tornando visível a função mediadora da máscara entre a aldeia, o destino do morto no domínio espiritual.

OBSERVE COM ATENÇÃO

Que formas você vê nessa máscara?

Elas parecem retas, compridas, curtas ou pontudas?

Essa máscara lembra algum animal ou algum ser diferente?

O que nela faz você pensar nisso?

Ela parece leve ou pesada? Grande ou pequena?

Se essa máscara pudesse se mexer, como você imagina que ela se movimentaria?

Quais cores você consegue identificar? Essas cores fazem a máscara parecer mais calma, mais forte ou mais misteriosa?

Vamos nos movimentar?

Observe o animal representado nesta máscara.

Como você acha que ele se movimenta? Ele pula, rasteja, voa ou nada?

Agora tente imitar esse movimento com o seu corpo, usando braços, pernas, tronco e cabeça.

Se você fosse um artista, quais cores escolheria para essa máscara?

Por que essas cores combinam com o animal ou com o movimento que você imaginou?

Você sabia?

Algumas máscaras representam animais que vivem na terra, outras mostram seres que habitam a água ou o ar. Esses animais ajudam a contar histórias sobre a ligação entre diferentes mundos, como o mundo das pessoas e o mundo dos espíritos, mostrando que certos seres têm a capacidade de circular entre esses espaços.

RECURSO AUDIOVISUAL SUGERIDO

Dança ritual Dogon:

[<https://www.youtube.com/watch?v=jxKjSGpHhBg>].

Dança de máscaras Dogon:

[<https://www.youtube.com/watch?v=xkkX1FHRgjo>].



Máscara Dugnbe
 Autoria não identificada,
 Guiné-Bissau, povo Bijagó,
 data não identificada
Dimensões 30,4 x 50,3 x 21 cm
 Créditos de imagem: Márcia Gabriel

Fonte: Acervo Museu Afro Brasil Emanuel Araujo



Ao largo da costa da Guiné-Bissau localiza-se o arquipélago dos Bijagós, composto por cerca de trinta ilhas, onde valores sociais são transmitidos por meio de processos de iniciação organizados em classes de idade. Esses ritos mobilizam o conhecimento dos comportamentos, capacidades e atributos simbólicos de animais considerados poderosos, tanto da terra quanto do mar, que ocupam papel central no imaginário e nas práticas rituais do grupo.

Nas cerimônias de iniciação, conhecidas como *fanado*, as máscaras são utilizadas sobre a cabeça ou posicionadas à frente do corpo, e sua iconografia varia

de acordo com a faixa etária dos participantes. Rapazes mais jovens utilizam, com frequência, máscaras associadas a bezerros e peixes, enquanto aqueles em estágios mais avançados, ainda não plenamente iniciados, portam figuras como touros, tubarões, hipopótamos ou peixes-espada, expressando a progressão no aprendizado e no controle das forças atribuídas a esses animais.

As danças vinculadas a essas máscaras são caracterizadas por movimentos intensos e, por vezes, imprevisíveis, que evocam o comportamento dos animais representados e simbolizam a condição liminar dos iniciandos. Em performances

com máscaras de tubarão ou peixe-espada, os dançarinos inclinam o corpo para a frente, executam balanços laterais e deslocamentos rítmicos que remetem à natação ou ao ataque. Já nas máscaras de boi, conhecidas como *dugn'be*, predominam gestos vigorosos e posturas curvadas em direção ao solo, enfatizando força e resistência.

Em algumas máscaras, um cordão que atravessa as narinas funciona como metáfora visual do iniciado comparado a um boi amarrado, cuja potência deve ser gradualmente disciplinada. Esses padrões coreográficos não se limitam à imitação animal, mas constituem uma forma de educação corporal, desempenhando papel central no rito de passagem e na afirmação identitária dos jovens no interior da comunidade Bijagó.

OBSERVE COM ATENÇÃO

Quais cores você consegue ver nessa máscara?

Elas são claras, escuras ou misturadas?

Olhe para as partes da máscara: você vê pontas, curvas ou partes compridas?

O que mais chama sua atenção?

Essa máscara parece lisa ou áspera?

Como você imagina que ela se sente ao toque?

O formato da máscara lembra algum animal?

O que no formato ou nas cores faz você pensar nisso?

Vamos nos movimentar?

Agora vamos usar o corpo para experimentar esses movimentos.

Imagine que você é o animal dessa máscara.

Como ele anda? Com passos firmes e pesados ou leves e rápidos?

Experimente caminhar inclinado para frente, balançar a cabeça ou parar de repente, como se estivesse observando algo ao redor.

Vamos tentar juntos criar uma pequena dança, alternando momentos de movimento e de pausa, como acontece nas apresentações rituais.



Baile de Máscara Bijagós

Você sabia?

Entre os Bijagós, os animais representados nas máscaras não aparecem apenas por sua aparência. Cada animal carrega qualidades importantes, como força, coragem, agilidade ou resistência. Durante as cerimônias, essas qualidades são aprendidas pelas crianças e pelos jovens por meio do corpo, do movimento e da observação dos mais velhos.

RECURSO AUDIOVISUAL SUGERIDO

Homens Bijagós dançando a dança da máscara Vaca Bruto:

[https://youtu.be/Ya2b_KG6GR0?si=9ThNtPxx8BSDIfBn]

Dançarinos Bijagós executam uma dança cerimonial Vaca Bruto:

[<https://youtu.be/fh9v-7MzRbs?si=3-40S8hy1EDW56Vo>]



No universo das máscaras do povo Dan, que habita regiões do norte da Libéria e do oeste da Costa do Marfim, as formas zoomórficas ocupam lugar central em razão de sua estreita relação com o mundo espiritual, particularmente com as forças associadas à floresta. Entre elas, a máscara Ge Gon distingue-se por apresentar um bico proeminente e olhos ovais que evocam a figura de um pássaro. Essa máscara associa-se à sabedoria e à transmissão de conhecimen-

tos, sendo vinculada, segundo a tradição oral, a um espírito mítico responsável pela introdução das palmeiras na região. De modo mais amplo, máscaras desse tipo personificam forças espirituais invisíveis associadas à floresta, denominada *du*, que se manifestam por meio da dança e da música. Poro, instância responsável pela regulação ritual, política e social da comunidade.

O mascarado, com o corpo inteiramente coberto por trajes confeccionados com fibras, pigmentos e materiais naturais, executa gestos leves e ritmados que evocam o voo, realizando deslocamentos rápidos, mudanças de direção e balanços que sugerem uma ação aérea, sempre em diálogo com o ritmo dos tambores e das melodias tradicionais.

OBSERVE COM ATENÇÃO

Olhe com cuidado para essa máscara.
Ela se parece com outras máscaras que você já viu ou é diferente?
Que partes do rosto mais chamam sua atenção?
Os olhos, a boca ou o formato todo?
Essa máscara parece calma, séria, alegre ou misteriosa?
O que faz você pensar assim?

Vamos nos movimentar?

Agora vamos usar o corpo para imaginar essa máscara em ação.
Se essa máscara pudesse se mover, como ela dançaria?
Experimente caminhar com passos leves e rápidos ou com movimentos suaves, como se estivesse voando ou deslizando.
Vamos tentar mover o corpo seguindo um ritmo lento e depois um ritmo mais rápido, percebendo como o movimento muda.

Você sabia?

Para muitos povos africanos, como o povo Dan, a máscara não é apenas o rosto. Ela envolve o corpo inteiro do dançarino, com roupas, fibras, tecidos e outros materiais. É quando o corpo se movimenta, junto com a música e o ritmo, que a máscara passa a expressar o espírito que ela representa.

RECURSO AUDIOVISUAL SUGERIDO

Máscaras Dan
[<https://youtu.be/4HdQYJux2Q4?si=7CZakv6j9Fg67gta>]

Os Bwa vivem principalmente em regiões do atual Burkina Faso e do Mali e organizam-se socialmente a partir de conselhos de anciãos. Sua cosmologia estrutura-se em torno de *Do*, princípio espiritual central que atua como mediador das relações entre os humanos, as forças invisíveis e a ordem moral da comunidade. Nesse sistema, as máscaras desempenham papel fundamental em rituais de iniciação, funerais, cerimônias de adivinhação e eventos de renovação coletiva, funcionando como instrumentos de comunicação entre o mundo visível e o domínio espiritual.

Entre essas produções, destacam-se as máscaras Nwantantay, associadas a espíritos voadores da floresta dotados de poder protetor. Concebidos como entidades capazes de assumir formas inspiradas em insetos ou aves aquáticas, esses espíritos manifestam-se visualmente em máscaras esculpidas tanto na vertical quanto na horizontal, algumas das quais podem alcançar cerca de 1,80 metro de altura. Suas superfícies são decoradas com padrões geométricos em preto, branco e vermelho, como ziguezagues, formas em X e composições triangulares, que expressam oposições morais e cosmológicas, como bem e mal e luz e escuridão, além de princípios sociais transmitidos progressivamente aos iniciandos.

Do ponto de vista performático, a Nwantantay adquire sentido pleno apenas na dança. A máscara é fixada ao rosto por meio de uma corda de fibra mantida entre os dentes do dançarino, enquanto o corpo é inteiramente recoberto por uma indumentária volumosa de fibras



Máscara Nwantantay

Autoria não identificada,
Burkina Faso, povo Bwa,
data não identificada

Dimensões 250 x 34 x 42 cm

Créditos de imagem: Henrique Luz

Fonte: Acervo Museu Afro Brasil Emanuel Araujo



vegetais. Acompanhado por flautas, tambores e cantos entoados por mulheres, o mascarado executa deslocamentos rápidos, giros amplos e mudanças abruptas de direção, alternando movimentos de inclinação e elevação.

OBSERVE COM ATENÇÃO

Olhe bem para essa máscara.

Ela parece lisa ou tem partes altas e baixas que dão vontade de tocar?

Você vê algum detalhe que lembra um animal, como chifres, bico, dentes ou asas?

O que esses detalhes fazem você imaginar sobre esse animal?

Essa máscara parece proteger, assustar, ensinar ou celebrar?

O que no formato ou na expressão faz você pensar assim?

Vamos nos movimentar?

Agora vamos usar o corpo para imaginar essa máscara em ação.

Se essa máscara fosse um animal, como ela se moveria?

Vamos experimentar movimentos lentos e depois rápidos, levantando os braços, abaixando o corpo ou girando devagar.

Tente alternar momentos de movimento e de pausa, como se o corpo estivesse se transformando em outro ser.

Você sabia?

Alguns animais aparecem nas máscaras porque conseguem viver em mais de um lugar, como na água, na terra ou no ar. Por isso, eles ajudam a contar histórias sobre passagem, transformação e mudança. Para o povo Bwa, esses animais ensinam importantes saberes que são aprendidos ao longo da vida.

RECURSO AUDIOVISUAL SUGERIDO

Máscaras Bwa:

[<https://www.youtube.com/watch?v=PHqfky91SfY>].

Danças e rituais africanos com máscaras:

[<https://www.youtube.com/watch?v=L95jGj3ew28>].



Máscara com representação de carneiro

Autoria não identificada,
Costa do Marfim, povo Baulê,
data não identificada

Dimensões 32,5 x 35 x 25 cm

Crédito de imagem: Henrique Luz

Fonte: Acervo Museu Afro Brasil Emanuel Araujo

Os Baulê ocupam a região central da Costa do Marfim, onde as máscaras desempenham papel fundamental em festivais, rituais funerários e celebrações vinculadas ao ciclo agrícola e à organização social. Entre essas manifestações destaca-se o festival *Goli*, realizado em ocasiões como a celebração das colheitas, a recepção de dignitários ou a homenagem a anciãos de prestígio. Além de seu caráter festivo, o *Goli* cumpre a função de reafirmar a ordem social e

promover o equilíbrio coletivo. Ao longo de um dia inteiro, as máscaras surgem sucessivamente em uma sequência hierárquica, compondo um repertório que reúne representações zoomórficas e figuras humanas de feições cuidadosamente esculpidas.

Entre as máscaras animais que integram as danças do *Goli*, destacam-se aquelas conhecidas como *Kple kple*, geralmente associadas à representação da cabeça de

um antílope, assim como máscaras que evocam carneiros e bois. Essas figuras relacionam-se ao espírito *Kuamanbo*, concebido como protetor das plantações e da fertilidade da terra, cuja simbologia se associa, em particular, ao carneiro. Utilizadas no alto da cabeça, essas máscaras apresentam chifres proeminentes, que reforçam sua ligação com forças vitais, abundância e proteção agrícola.

A performance do *Goli* exige elevado grau de habilidade técnica, motivo pelo qual apenas dançarinos experientes são autorizados a utilizá-las. Os mascarados

vestem indumentárias compostas por tecidos coloridos, saias de ráfia e, em alguns casos, capas confeccionadas com pele de carneiro, intensificando a presença corporal da figura em movimento.

A coreografia articula passos ritmados, balanços laterais, giros circulares e deslocamentos contínuos, sempre em diálogo com o ritmo dos tambores.

OBSERVE COM ATENÇÃO

Olhe com cuidado para essa máscara.

Quais cores você consegue ver?

Elas são fortes ou suaves?

Você percebe algum padrão, como linhas, formas repetidas ou desenhos geométricos?

Essa máscara lembra algum animal?

O que faz você pensar nisso: os chifres, os olhos, o formato ou as cores?

Vamos nos movimentar?

Agora vamos dançar juntos.

Alguns animais se movem sozinhos, outros gostam de andar em pares ou em grupo.

Vamos experimentar dançar em roda, seguindo o mesmo ritmo?

Tente mover o corpo devagar e depois mais rápido, observando como é dançar respeitando o espaço e o tempo dos colegas.

Você sabia?

Para o povo Baulê, a máscara não é apenas algo para ser visto. Ela ganha sentido quando se movimenta com o corpo do dançarino, junto com a música e o ritmo. Ao dançar, o mascarado mostra as qualidades do animal representado, como força, equilíbrio ou firmeza, ensinando valores importantes para a vida em comunidade.

RECURSO AUDIOVISUAL SUGERIDO

Dança com máscaras do povo Baulê

[<https://youtu.be/St7EzdKdJQI?si=6S9WlimkQOih3HCY>]

Danças Baulê

[<https://youtu.be/2814JZdzsBA?si=pltZbdu2jjxAf73D>]

PARA CONHECER MAIS

Para aprofundar o contato com o tema, recomenda-se a consulta ao acervo online do Museu Afro Brasil Emanuel Araujo, onde é possível conhecer outras máscaras africanas presentes na coleção. O acervo reúne obras com representações de animais, figuras humanas e diferentes formas simbólicas, permitindo observar a diversidade de estilos, materiais e significados associados às distintas culturas africanas. A exploração virtual do acervo favorece novas leituras e amplia a experiência de observação das obras.

museuafrobrasil
EMANOEL ARAUJO

[<https://museuafrobrasil.org.br/acervos/>]

INDICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

Between the Species. *Review of Animals and African Ethics*. Between the Species. Volume 20, Issue 1. Summer, 2017.

BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva; SILVA, Renato Araújo da. *África em Artes*. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2015.

BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva. *Africana: o diálogo das formas*. Maranhão: Centro Cultural Vale Maranhão, 2018.

BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva. *Arte africana: kit do professor*. Maranhão: Centro Cultural Vale Maranhão, 2018.

CANTO, Rafael Antunes do. *Os Bijagós da Guiné-Bissau. Ancestralidade, cultura marítima e resistência histórico-cultural*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

CLARKE, Christa. The human figure, animals and symbols in African art. Smarthistory, October 9, 2016. Disponível em: <https://smarthistory.org/depictions-of-the-human-figure-and-animals/>. Acesso em: 16 dez. 2025.

CURNOW, Kathy. Animals. In: THE BRIGHT CONTINENT: African art history. [S. l.]: Pressbooks, s.d. Disponível em: <https://pressbooks.ulib.csuohio.edu/bright-continent/chapter/chapter-3-1-animals/>. Acesso em: 16 dez. 2025.

NASCIMENTO, Gabrielle. Máscaras africanas. In: SILVA, Maurício André da (Org.). *Kit educativo africano e afro-brasileiro*. Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia, 2025. Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1523. Acesso em: 16 dez. 2025.

ROBERTS, Allen F. (org.). *Animals in African Art: From the Familiar to the Marvelous*. New York: Prestel; Museum for African Art, 1995.

Museu Afro Brasil

Parque Ibirapuera - Portão 10
04094-050 São Paulo/SP
Fone: (11) 3320-8900

Terça a domingo, das 10 às 17hs
Quintas-feiras e sábados entrada gratuitas
www.museuagrobrasil.org.br